

## HUME E O DETERMINISMO

Por: Cleópatra Citron



David Hume (1711 – 1776), filósofo britânico, nascido na Escócia, é conhecido por ser um dos maiores representantes do empirismo. Isto quer dizer que ele era mais ligado ao que pode ser materialmente experienciável do que àquilo que é mais abstrato, como a metafísica, por exemplo.

Este filósofo tem um de seus textos incluído na lista de leituras obrigatórias para a prova específica de filosofia do vestibular da Universidade Federal do Paraná. Trata-se da seção 8, intitulada “Da liberdade e da necessidade”, que é parte do livro *Uma Investigação sobre o Entendimento Humano*<sup>1</sup>.

Nesse texto, Hume se ocupa de um dos problemas mais fundamentais de toda a história da filosofia ocidental: liberdade vs. determinismo. A pergunta que ele se coloca – e que se empenha para responder – no desenvolvimento da dessa seção 8 é se “somos livres?”. Do lado oposto da liberdade (e incompatível com ela) está a necessidade. E, por necessidade, entenda-se como aquilo que só tem um modo de ser; não poderia ser de outra forma.

Há dois tipos de liberdade. Uma é a liberdade da vontade, outra é a liberdade da ação. A primeira se refere à liberdade para querer. Nesse caso, a nossa escolha depende exclusivamente de nós e não é determinada por causas externas a ela mesma (hábitos, disposições de caráter, etc). E a segunda se refere a liberdade para fazer – ou seja, está mais no sentido de liberdade civil. Independente de a nossa vontade ser livre ou não, podemos agir conforme a nossa vontade; não somos proibidos.

Para Hume, o único tipo de liberdade que existe é a liberdade de ação. A liberdade da vontade é inteiramente descartada por ele porque põe uma

---

<sup>1</sup> HUME, David. *An Enquiry Concerning Human Understanding*. Edited by Tom L. Beauchamp Oxford: Oxford University, 1999.

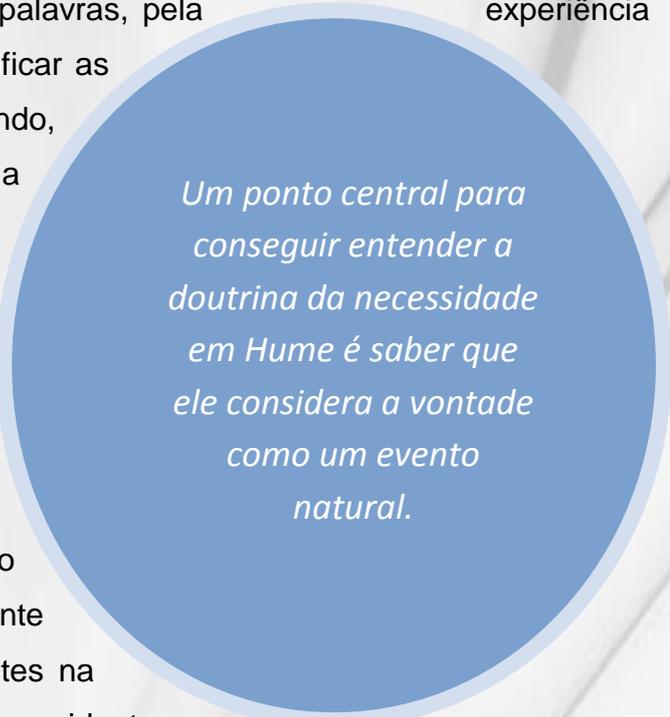
situação inconcebível: o querer brotando magicamente no nada. Como ele afirma, todo acontecimento tem uma causa que o determina. E, com as ações e comportamentos humanos não é diferente, os fatores determinantes destes são as disposições de caráter e a motivação interna da pessoa.

A partir disso, Hume cria uma doutrina da necessidade baseada nos seguintes fatores: conjunção constante + inferência. A conjunção constante seria a relação causal (causa/efeito) regular, que se repete quase sempre e que pode ser facilmente observada nas coisas do mundo. E a inferência, por sua vez, seria o processo lógico, dedutivo que possibilitaria reconhecer a conjunção constante. Em outras palavras, pela experiência e pelo hábito nós podemos identificar as relações de causa e efeito no mundo, chegando, em última instância, a conseguir até prevêê-las.

Para ele, o comportamento humano é análogo ao movimento dos corpos e da matéria, ou seja, um é tão determinado quanto o outro. Hume começa o texto expondo seu argumento justamente sobre as relações causais existentes na natureza – que são, de maneira evidente, determinadas; e, na natureza, é mais fácil de perceber.

Hume chega a dizer que aqueles que acreditam na liberdade é porque começaram a investigar o mundo pelo lugar errado: pelo comportamento humano. As ações humanas são muito complexas e envolvem muitos fatores determinantes. Ao experimentá-la, a pessoa pode se confundir e ter uma falsa sensação de liberdade – de que poderia muito bem ter agido de modo diferente em dada situação. Mas, pela observação e começando a investigação pelo lugar certo (pela análise do mundo natural) o determinismo é a doutrina mais razoável.

Segundo Hume, todos são, em alguma medida, adeptos da doutrina da necessidade. Até aqueles que dizem não ser, são. As pessoas que dizem não



*Um ponto central para conseguir entender a doutrina da necessidade em Hume é saber que ele considera a vontade como um evento natural.*

ser partidárias do determinismo o fazem por duas razões: ou porque não sabem o que ele significa ou porque estão entendendo equivocadamente. Pode-se dizer, então, que Hume é concorda com aquela máxima espinosiana segundo a qual a “liberdade é o desconhecimento das causas que nos determinam”.

## **BIBLIOGRAFIA**

HUME, David. *An Enquiry Concerning Human Understanding*. Edited by Tom L. Beauchamp Oxford: Oxford University, 1999.

*Antologia de Textos Filosóficos*. Organizado por Jairo Marçal – Curitiba: SEED – PR., 2009. – 736 p.